

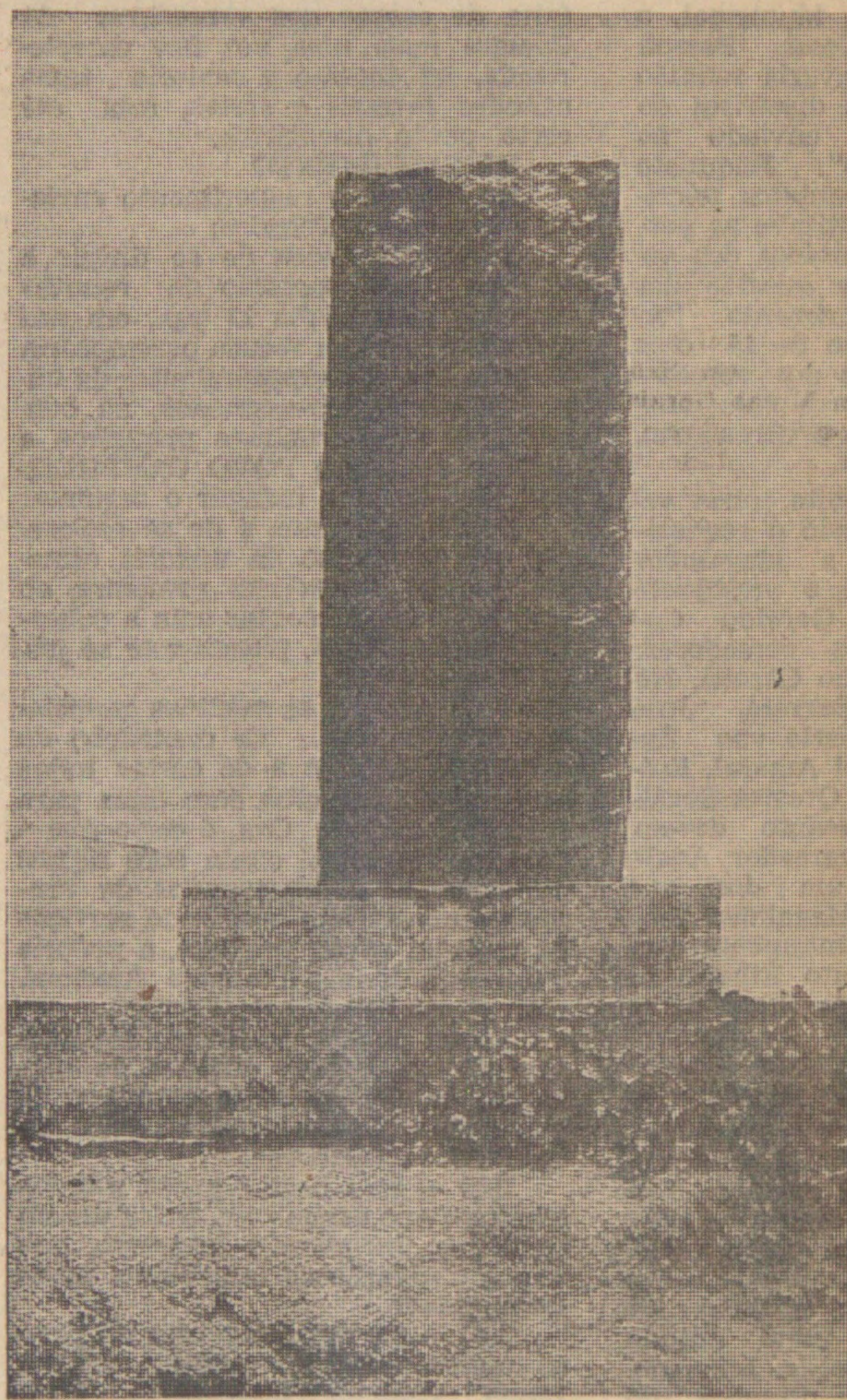
MARCO DA HISTÓRIA VAI SENDO DERRUBADO PELO DESCASO PÚBLICO

Aconteceu em Campinas, durante a chamada "revolução de 1842" que eclodiu em Sorocaba, durante o período do Segundo Império, um episódio de grande significação histórica, o "combate da Venda Grande", num local próximo ao campo dos Amarais. O movimento teve como seu chefe natural o brigadeiro Tobias de Aguiar, com o apoio do ex-regente Feijó e outras personalidades. Foi no dia 10 de maio que se declarou a revolta em Sorocaba. Tobias foi aclamado presidente no dia 15. Assumiu a secretaria da presidência Gabriel José Ribeiro dos Santos. O velho padre Feijó, que então residia em Campinas, numa casa situada na rua que hoje tem o seu nome, mesmo doente, seguiu para Sorocaba para auxiliar a rebelião, pois também estava de total desacordo com o governo da época. O movimento se propagou, encontrando ressonância, inclusive em Campinas.

O governo da Província de S. Paulo, avisado prontamente, despachou o navio "Ipiranga" do porto de Santos, com a notícia para a corte e sem perda de tempo, foi confiada ao então Barão de Caxias — Luiz Alves de Lima — o comando de um Exército pacificador, com quatrocentos homens, que desembarcou em Santos no dia 19 de maio.

A pressa com que foram tomadas as providências e expedido o Exército Legalista, chefiado por Caxias — surpreendeu os rebeldes de Sorocaba, que esperavam contar com o auxílio estranho, do norte de Minas e do Rio Grande do Sul. Esse apoio não veio. Aliás, em 1932, aconteceu a mesma coisa, quando os paulistas esperavam contar com o apoio de forças militares de outros Estados, o que não aconteceu.

Caxias era um hábil estrategista. Alés do mais, Curitiba, com a promessa de que seria separada de S. Paulo, se manteve alheia aos acontecimentos. Restava, pois aos revoltosos de S. Paulo a única sai-



da: combater. Eles saíram de Sorocaba e quando estavam nas proximidades de Campinas, no local denominado "Venda Grande" entraram em combate com os legalistas, sofrendo dura derrota, o que aconteceu em 6 de junho de 1842. Essa derrota causou um terrível impacto e desânimo. Caxias, comandando 3 colunas, marcha sobre Sorocaba. Debandaram os insurgentes, com Tobias de Aguiar fugindo a cavalo, como escreve Pedro Calmon, na sua obra "História do Brasil". Mas Feijó, indomável na sua coragem de atitudes, se deixou prender, depois de um apelo inútil dirigido a Caxias, que lhe deu a seguinte resposta: "As ordens que recebi de S. M. o Imperador são em tudo semelhantes as que me

deu o ministro da Justiça em nome da Regência nos dias 3 e 17 de abril de 1832, isto é, que levasse a ferro e fogo todos os grupos armados que encontrasse e da mesma maneira que então as cumpri, as cumprirei agora. Mas Feijó teve um tratamento honroso como prisioneiro. Caxias o respeitava, como um dos homens que salvara a integridade do Império nos piores dias da Regência.

Mas o episódio da Venda Grande — contado em detalhes por Jolumá Brito num dos volumes da "História de Campinas" — assinalou um evento expressivo para a nossa terra, perpetuando os nomes de um grupo de verdadeiros heróis que lutaram com um profundo sentimento de civismo e bravura. Para assinalar o episódio, o departamento de história do Centro de Ciências, Letras e Artes, por iniciativa do general Luiz Felipe da Silva Wiedmann, resolveu, com o integral apoio da diretoria, levantar no local do combate, um marco comemorativo. A proprietária do terreno, Jandira Pamplona de Oliveira, permitiu a colocação do marco (uma pedra com uma placa) na área da Fazenda Santa Genebra. Aconteceu, porém, que a Prefeitura, não obstante aos reiterados apelos formulados através da imprensa, não pleiteou a doação da área ou fez a permuta com outra. Há um processo de permuta em trânsito pelos canais competentes da Municipalidade. A área onde se localiza o monumento foi loteada, passou para outros proprietários até que o atual — cansado, talvez, de esperar por uma solução legal que resolvesse o assunto de uma vez para sempre, preservando o local histórico, mandou um trator fazer uma obra de terraplenagem, obra essa já executada e que, praticamente, acabou com o monumento, que lá permanece tombado, em vias de tombar inteiramente. O caso, a nosso ver, reveste-se de características de um verdadeiro atentado à história de Campinas. Esperamos que a diretoria do Centro de Ciências, Letras e Artes, que teve a iniciativa decolocar o marco comemorativo, e a Prefeitura, entrem em contato imediato com o atual proprietário do terreno, que seria, segundo fomos informados, o sr. Honório Chiminazzo, que está também no dever de vir a público para explicar o que realmente aconteceu e a quem cabe a responsabilidade por essa atitude deplorável, que bem reflete a incúria e o desrespeito que se verifica em nosso País pelas coisas de nossa história.

desmatamento
Pinhal

al. cujos vereado-
saberão de-
a comu-